Casos & . Causos

Por Nestor Leme

Tá em falta, mas certeza que o Oscar já encomendou

A Rua Coronel, coração de Serra Negra, preservada nas memórias, nos causos e nas fotografias | *Arquivo de Nestor Leme*

Assim que o artista plástico alemão João Hein chegou a Serra Negra, ele alugou uma casa na Rua da Várzea, onde montou seu atelier de pintura e pirogravura e, nas horas de folga, munido de uma antiga câmera fotográfica da marca Zeiss, que trouxe de sua terra natal, saiu para fotografar as casas e o movimento da rua onde morava, prestando, com este ato, um inestimável serviço à memória serrana. Hoje, através das fotos registradas por ele, podemos reviver como era a Rua Coronel do passado. Pois aquela rua foi a que mais mudou em sua originalidade, para que ali fossem abertas as lojas que transformaram a rua mais famosa de Serra Negra no shopping a céu aberto, como a rua é conhecida.

E, a cada uma das construções que demoliram naquela rua, saudosistas se levantam dizendo que Serra Negra não preserva seu passado arquitetônico e que não tem história. Eu, porém, a cada vez que isto aconteceu e diante de tais afirmações, sempre registrei que a história de uma cidade não acaba numa casa derrubada. A história do Dr. Jovino, grande médico e político serrano, não mudou em nada porque demoliram sua casa.

Bem, o causo de hoje não aconteceu na atual Rua Coronel, mas sim na antiga Rua da Várzea, eternizada nas fotos do João e rua de muitas histórias, pois ali foram fundados os principais times do futebol serrano, dos quais destacamos o Serra Negra Esporte Clube, fundado na alfaiataria do Avelino Ricieri, em 1950, a Portuguesa Atlético Clube e o Imperial Futebol Clube, fundados no Bar do Cesare.

A Rua Coronel não era rica em casarões, como dizem. Eram seis ou sete, dos quais lembramos o da família Dib, que ainda resiste ao progresso, existe até hoje, e mais os demolidos da família Rielli, do

Savério Gargaro, do Chico Caruso e o Prédio das Arcadas e Rádio Hotel, que também ainda resistem. O resto eram casas comuns, com uma porta alta e uma janela de frente para a rua, todas com sua pintura desbotada pelo tempo.

Porém, já naquela época, a Coronel era a rua mais movimentada da cidade, pois ali funcionava o grosso do comércio serrano. Ali existiam cinco armazéns de secos e molhados, duas lojas de tecidos, duas de roupas feitas – a do Gambinha e a Ritz –, várias fábricas de artesanato em couro, três sapatarias, algumas fábricas de sandálias, uma loja de ferragens, quatro hotéis, uma loja de calçados, um cinema, um posto de serviços, duas alfaiatarias, uma beneficiadora de café e muitos botecos, onde se reuniam conhecidos apreciadores de cachaça, que chegavam depois do serviço diário ou nas manhãs dos domingos, para ficarem proseando e bebericando doses da famosa pinga São Gabriel.

E, dentre os bares que existiram naquela rua, os mais lembrados são o Bar do Cabeção, pela sua raia de bochas, o Bar do Titão e o do Oscar Faria, pela sua longevidade, pois foi o último a encerrar as atividades como bar, depois de décadas de funcionamento.

E foi justamente neste último que aconteceu o causo que escrevi para encerrar este artigo.

A Rua Coronel sempre foi a preferida pelos turistas que nos visitam e, num dia do passado, um casal destes turistas entrou no Bar do Oscar à procura de banheiro para se aliviarem de suas necessidades fisiológicas e ali perguntaram ao Chiquinho, o atendente, se o local possuía um mictório, palavra desconhecida pelo Chiquinho, moço recém-chegado das Três Barras, lugar onde o povo do sítio, de onde ele tinha vindo, ainda usava o cafezal para se aliviar.

Bem, como o Chico não sabia do que se tratava, primeiro ele coçou a cabeça e, depois de procurar o mictório pelas prateleiras do bar, assim falou:

– Olha moço, hoje mictório está em falta, mas tenho certeza que o Oscar já encomendou e logo vai chegar.

Crônicas do . Dia a Dia

Por Guida Gerosa

As pessoas da nossa vida

Às vezes, uma cena, um objeto, um lugar, e lá vêm nossas memórias à tona. Hoje, a maionese do beirute me transportou para a maionese da Dona Nini, mãe do Ralf. Não tinha maionese mais gostosa do que aquela. Devia ter uns 11 anos, ia a cavalo para o sítio de Ralf, meu grande e melhor amigo belga. Passávamos o dia cavalgando, nadando no lago ou nas cachoeiras.

Contando do Ralf - que infelizmente não está mais aqui conosco - imediatamente meu pensamento foi para outro amigo querido que já partiu. Ai, quantas pessoas que partiram desta vida. Todos vão indo embora. Triste conclusão de que todos nós vamos partir. Nossos avós, pais, amores, amigos, quantas pessoas que partem antes de nós e nos deixam com a saudade e as lembranças. É assim que elas todas continuam vivas dentro de nós, através das recordações e dos momentos. No começo da vida, ainda não temos memórias e vamos vivendo; mas conforme envelhecemos, as memórias vão aumentando, e um jeitinho de falar de alguém, uma comida, um lugar, um pássaro cantando, uma lua cheia, um céu repleto de nuvens, e somos transportados para alguma lembrança.

Será que estamos sabendo viver enquanto ainda estamos aqui? Valorizar mais as pessoas à nossa volta, olhar a natureza com admiração, dar atenção às coisas simples da vida e curtir cada momentozinho. Eles é que se transformarão nas nossas memórias. Ainda é tempo de se sentar à mesa naqueles almoços demorados, cheios de conversa, e ouvir bastante e guardar cada momento no HD do coração - antigamente, a expressão era gravar no disco do coração, mas, hoje em dia, tem gente que nem sabe o que é um disco. Temos que aproveitar, porque, um dia, o lugar estará vazio, a casa, talvez, nem exista, e o dia pode ser de silêncio, e nada mais volta.

Hoje eu entendo que não é apenas a maionese da Dona Nini, a torta da Tia Carmem ou da mamãe, o nhoque à la romana, as mesas de domingo com as conversas em tantas etapas diferentes da minha vida. Não é apenas o momento; é tudo o que vamos guardando e, no fim, são essas pequenas coisas que nos constroem por dentro. São elas que nos acompanham quando o tempo passa e as pessoas já não estão mais aqui. Talvez, viver seja isso: colecionar instantes que, um dia, irão voltar em forma de lembrança, porque enquanto houver memória, ninguém se vai por completo.

Cultura . e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A noiva, a gaiola e o clique perfeito

Portrait na Montanha, Serra Negra-SP, 1971, da série viagem pelo fantástico | *Boris Kossoy*

No universo da cultura, nada acontece isolado. A festa que une as nações na praça, o Museu ReArte que guarda nossas memórias, o cinema que educa o olhar e a fotografia que imortaliza a alma serrana estão todos unidos por fios invisíveis. Caminhar pela nossa recente Festa das Nações é, de certa forma, exercitar a diplomacia pelo paladar. Entre o aroma do Líbano e as cores da Itália, passando pela precisão nipônica e o rigor alemão, Serra Negra desenhou um verdadeiro mapa-múndi em nossas ruas.

E o mapa pode sempre crescer! Quem sabe, nos próximos anos, o continente africano ou as nossas nações indígenas - berços fundamentais de quem somos - também ocupem suas barracas de direito? Afinal, a união dos povos é uma construção constante de inclusão, e esse é justamente o tema da 24ª Semana Nacional de Museus, que o IBRAM/Ministério da Cultura promove, e que trouxemos com entusiasmo para a nossa região neste mês de maio.

Essa sincronicidade entre a agitação das ruas e o silêncio reflexivo das galerias é o que define o Museu ReArte. Museus não são depósitos de coisas esquecidas, mas laboratórios vivos de experiências. E, neste mês, nosso laboratório se dedica à luz: é o Mês da Fotografia. Como somos um Ponto MIS (Museu da Imagem e do Som), nossa curadoria mergulhou em filmes de estética apurada (exibições gratuitas às 5ª-feiras) e exposições que desafiam o simples "clique automático" das redes sociais.

Falar de fotografia no Brasil exige uma reparação histórica. É preciso lembrar que a "paternidade" desse invento também fala o nosso "caipirês"! Hercule Florence, um francês radicado em Campinas, já isolava o processo fotográfico em 1833, anos antes dos europeus que a história oficial insistia em coroar como pioneiros. A reparação só foi feita graças à pesquisa rigorosa de Boris Kossoy, fotógrafo e historiador mundialmente consagrado, que tem uma ligação especial com a nossa região.

Em seu livro "Viagem Pelo Fantástico" - que temos a honra de expor na ReArte este mês -, há uma obra nascida em nossas serras que é um verdadeiro enigma: "Portrait na Montanha, Serra Negra, 1971". A imagem captura uma mulher jovem, de cabelos volumosos e vestido de noiva, sentada solitária diante da vastidão ondulante das nossas montanhas. Ela segura uma gaiola vazia. Seus olhos, com a maquiagem borrada, contrastam com a paz do cenário. É a metáfora perfeita para as prisões invisíveis que todos carregamos!

Hoje, com o celular na mão, todos somos fotógrafos, mas será que estamos enxergando os "avessos" das nossas imagens? Para quem deseja ir além do óbvio e dominar a estética do registro, abrimos as inscrições para a nossa Oficina de Fotografia Para Redes Sociais, ministrada pela talentosa Natália Tonda (gratuito - 22 de maio - 6ª-feira - 18h30 - vagas limitadas). Convido vocês a mergulharem nessa programação (acesse www.rearte.com.br ou o QRCode da ilustração). Vamos celebrar a união das nações, mas também aprender a olhar para as nossas próprias montanhas e descobrir que, por trás de cada pose festiva, existe uma história fantástica esperando para ser revelada.